

SECTOR DE REÇORTES DE IMPRENSA

EDIFÍCIO ESCOLAR/ENSINO SUPERIOR/ENSINO
ARTÍSTICO

O POÇO DA CIDADE



As Belas-Artes lisboetas moram nesta casa há muito; o velho prédio, ainda berdeiro do Convento de São Francisco, alberga a Academia Nacional e a Escola

BELAS-ARTES

ALGUMA agitação tem andado pelo velho Monte Fagoso, chamado em tempos cristãos para Monte ou Alto de São Francisco. Não será, aliás, de estranhar alguma vocação de intranquilidade por parte do local, já que desde os alvos da Lisboa portuguesa andou ligado a ideias de conquista.

Na verdade — diz quem sabe destas coisas — foi este monte o escolhido pelos cruzados ingleses para ali levantarem o seu arraial, com vista a atacarem o castelo. Parece demasiado longo... Mas, além de fronteiro ao alvo, oferecia o sítio a vantagem de dominar o rio e o respectivo estuário.

Muitos séculos passaram e, em vez da azáfama natural de um acampamento militar, as causas de algum nervosismo estão hoje relacionadas com tema bem mais gratificante para a humanidade do que a guerra: a arte. Tudo se resume, afinal, ao que parece, numa questão de não estarem os estudantes de Belas-Artes satisfeitos com as condições e instalações em que se preparam para a prática, a título profissional, da forma de arte que mais os atrair.

Não custa a crer, mesmo aos mais leigos e afastados de problemas do género, que alguma coisa esteja velhinha e pouco preparada por ali. O facto é que tudo partiu, no que respeita a instalações, do antiquíssimo convento de São Francisco — apesar de, como se sabe, quase nada existir praticamente dos edifícios primitivos nem sequer de algumas reconstruções.

Mas do grau de razão dos estudantes, outros curarão. Neste canto o interesse vai apenas para assinalar que o alfacinha comum não deixou de notar o humor que acompanhou os protestos — e, mesmo quando a razão existe, ou principalmente nesse caso, só fica bem uma pitadinha de boa disposição. Para além disso, os factos podem ser um incitamento a lembrar o que tem sido o local lisboeta que era pertença do já referido convento na sua íntima ligação com as belas-arts.

O estudo das técnicas da pintura, escultura, arquitectura e gravura, bem como a formulação de teses e estudos sobre os mesmos temas encontrou há muito naquele largo (muitos anos chamado da Biblioteca Pública) o seu local de eleição.

Uma das referências mais antigas que se encontra no tocante ao estudo das belas-arts data de 1609 quando a confraria religiosa de S. Lucas tomou a seu cargo a função, que manteve aliás por mais de um século. Só em 1836, por decreto de Passos Manuel, foi criada a Academia de Belas-Artes de Lisboa, instituição que só viria a ser considerada «real» em 1862.

A Academia teve a sua inauguração oficial há 150 anos que agora se perfazem: em Fevereiro de 1837, sendo seu inspector-geral o já referido Passos Manuel e vice-inspector o conde de Farrobo. Em 1840, realizava-se a primeira exposição. E 28 anos depois vinha a primeira reforma, devida a uma interferência directa do bispo de Viseu. Consta que o trabalho educativo da Academia foi notável e sucederam-se não só as exposições de trabalhos mas também a recolha de volumes para a grande biblioteca que ali se reuniu. No entanto, em 1875, a Academia chegou a ser considerada extinta, dando lugar à Escola de Belas-Artes.

A verdade é que uma das instituições não perturba a outra: pelo contrário, ambas se completam, se se deixar à Escola a sua função específica de ensinar e à Academia a missão do estudar e debater de outra forma — à qual, pieonasticamente, se poderá chamar de «académica». Assim se entendeu em 1932, quando pelo legislador veio a ser reinstituída a Academia, com funções de promover conferências sobre estética, história de arte e arqueologia e «tomar a iniciativa de tudo o que possa desenvolver os trabalhos especulativos respeitantes às belas-arts». Nomes como José de Figueiredo e Reinaldo dos Santos passaram pela presidência da instituição.

As instalações de ambas (Escola e Academia, hoje em coabitação) não pecam pela riqueza... Por algum motivo mestre Norberto do Araújo escrevia, em 1939, ao referir-se à Escola de Belas-Artes, estar ela «pessimamente instalada» — mau grado toda a história em que o edifício é rico. Males do raiz não os disfarçam remendos.

N.º 579

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Equipamento - Instalação

JAN	FEB	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----